

Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.
Rua Mal. Floriano Peixoto, 2262. Caixa Postal 77285.
26000 Nova Iguaçu, RJ.

Utilidade Pública — Lei 6.311 de 25 de setembro de 1970.

Composto e impresso nas oficinas gráficas
da Editora VOZES Limitada. Petrópolis, RJ.

AFOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu

VENDILHÕES EXPULSAM OS POBRES E OCUPAM O TEMPLO

Vocês lembram aquele casamento chique, no Rio de Janeiro, que foi apedrejado pelo povão, porque o Pres. Sarney seria o padrinho da noiva? As reportagensclarearam detalhes, que constituem verdadeiros retratos da despudorada convivência social brasileira. Desta, também neste caso, a Igreja não escapa, para repistar o antigo princípio sobre a corrupção do melhor, que é a pior de todas. No lado de dentro, tendo que entrar pelos fundos, a minoria finíssima; no lado de fora, a arraia miúda, em fim de expediente, se mandando para a Central do Brasil e os pontos de ônibus. Os mendigos foram previamente arrastados à força das escadarias; a praça e a igreja foram então lavadas, ensaboadas e perfumadas, a fim de poderem aproximar-se os noivos, os nobres convidados e o bispo que ia fazer o casamento. Praça, igreja e sorrisos ressendiam a pétalas de rosas!

Sob o título de *vendilhões do templo*, Hélio Pellegrino comenta (JB 27-1-88) o assunto, no contexto da conjuntura política brasileira. Cita o Lula: "Não adianta dizer que todo cidadão é igual perante a lei, se a justiça é uma justiça de classe, se a polícia é uma polícia de classe, se o governo é um governo de classe". Eu, da *Folha*, acrescentaria: se a Igreja é uma Igreja de classe!

"O que vai, daqui por diante, acontecer, em nossa terra e com nossa gente? Há uma descrença perigosa na maioria esmagadora do povo. Descrença na política, nos políticos e nas instituições. O povo continua expulso da cena cívica e seus representantes, eleitos em grande parte pelo rolo compressor do poder econômico, representam a cupidez implacável e suicida da classe dominante. Nem anéis, nem dedos, nem nada! Os donos da vida não cedem aos trabalhadores um tostão — uma apara de unha — de seus privilégios". Hélio Pellegrino continua: "Fidel Castro, num de seus textos sobre a Revolução Cubana, relata a gradativa falência das instituições

políticas junto à opinião pública da Ilha. Todos os caminhos ditos legais e institucionais foram esgotados pela militância popular... Até que o povo, cético em grau absoluto, ficou preparado e foi convocado para dar apoio ao Exército Revolucionário que derrubou, pelas armas, a ditadura de Batista e a ordem social por ele representada".

"É claro que as particularidades da experiência cubana são intransferíveis. Seja como for, ela aponta para um processo político que vai da descrença progressiva até o repúdio radical da estrutura de poder da burguesia. No Brasil, avançamos a galope no sentido da desmoralização terminal da chamada Nova República. O povo perdeu a esperança nisso que aí está. Seu desespero não é, entretanto, nem conformista nem apático, e se transforma, dia a dia, em indignação e cólera".

"O espantoso e recente episódio de violência que cercou o casamento da filha de um suplente de senador, sendo Sarney o padrinho, constitui ilustração lapidária de tais sentimentos. Ao mesmo tempo, define a cárnea insensibilidade e a cegueira dos poderosos do momento. Os mendigos que habitam as proximidades da igreja de São Francisco de Paula foram brutalmente expulsos e o lugar foi borrificado e perfumado com desodorante, pela Comlurb. Os miseráveis são a encarnação de Cristo, segundo o Novo Testamento. Não obstante, foram expulsos do templo, para que nele se instalassem os vendilhões e os fariseus".

"Para concluir: ou chegamos às diretas, ainda este ano, ou o garrote de uma transição aviltada consumará o apodrecimento do tecido social do país. É preciso que o povo seja reintegrado na sua condição de fonte do poder legítimo. Não degrademos, definitivamente, o ideário democrático. Se o fizermos, haverá choro e ranger de dentes, na medida em que as massas, para além de qualquer repressão possível, forem obrigadas a fazer justiça com as próprias mãos". (F.L.T.)

IMAGEM DA BAIXADA EM FLORAÇÃO

1. Cercada de montanhas que nos cantam a bondade do Pai, o Deus de Amor, serpeando entre montes que suplantam o belo de outros montes sem favor, como teus vales verdes nos encantam e como nos anima o teu valor. Corajosa Baixada Fluminense que parece vencida e sempre vence. Nesta paisagem bela, venusina, se acolhem brasileiros que o Brasil, cioso do futuro, predestina à esperança certa, varonil de uma Pátria de Amor que se destina a construir Amor num mundo hostil. Aqui nos reunimos brasileiros, da Paz, do Amor no mundo carpinteiros.

2. Povo rijo e brioso da Baixada que lutas contra o medo e contra a morte: lembrar vamos agora a caminhada que esta paisagem doce e bela e forte fez através do tempo torturada, jardinando com dor a própria sorte. Aqui se delineia o espaço novo onde se vai gerar um nobre Povo. Em séculos remotos eram águas que teu solo cobriam qual um manto; eis que dos montes correm terras — mágoas feitas lodo fecundo — mas em pranto as águas ameaçam: de novo alago-as, tornando beleza em desencanto: e as terras serão focos de malária ou palco de tragédia sanguinária.

3. O milagre sucede em nossos dias: é vencida a malária da ciência; incontestável vitória das chefias; prova clara, sinal de competência. Mas ainda resta o mal das garantias e direitos humanos sem vigência... Povo sofrido e bom, quando virá o Salvador que enfim te salvará? Esperando aconteça a maravilha que a teu Povo bom dará Amor e Paz, lutando contra o mal que nos humilha e que aos olhos do mundo fama traz de sermos da maldade camarilha, quando somos somente um Povo audaz: Deus e Pai, a Baixada vos acena; deste Povo que é vosso tende pena. (A.H.)

LINHAS PASTORAIS

DIVISÃO DO PVO BRASILEIRO

• A Campanha da Fraternidade de 1988, que se encerrou na festa da Páscoa, veio mostrar-nos e despertar-nos para um doloroso problema estrutural do nosso País: a divisão do Povo brasileiro, em dois Povos de existência paralela, geralmente não percebida. Não se trata de uma divisão racial ou lingüística. Mas de uma divisão social profunda que é cultural e existencial e atinge todos os setores da vida nacional.

• Podemos falar de um como "pecado original" que contagia todas as pessoas e estruturas sociais. Podemos falar de uma como "esquizofrenia social" que racha o Povo brasileiro de cima para baixo, perturbando-o em todos os aspectos e momentos de sua caminhada, fazendo-o doente crônico de uma doença contagiosa e renitente.

• Basta olhar os diversos setores da vida nacional, para descobrirmos esse "pecado original", essa "esquizofrenia social": cultura, remuneração, nível de vida, educação, saúde,

moradia, direitos fundamentais. Somos um Povo dividido, rachado.

• De um lado o "Povo do poder" — 20 a 25% da população — que abrange as elites: cultural, empresarial, política, militar e, mais recentemente, a elite tecnocrática. Sobre o que poderíamos chamar a elite religiosa falaremos mais tarde porque a elite religiosa, principalmente a Igreja Católica, tomou rumo diferente nos últimos 20 a 30 anos e por isto merece consideração à parte.

• Se de um lado está o pequeno "Povo do poder", do outro está o "Povo à margem" — 75 a 80% da população brasileira —, aquilo que chamamos de Povo simplesmente ou, com certo carinho, de Povão. São dois Povos distantes, apesar de alguns pontos de contacto, são dois Povos paralelos, apesar de se encontrarem algumas vezes na caminhada.

• O que caracteriza o Povo do poder, a elite, é precisamente o poder total que tem,

que procura conservar e alargar, que exerce de fato e de direito adquirido sobre o Povão.

• O Povo do poder tem tudo, permite-se tudo, domina a vida nacional totalmente, pelos mais diversos meios consegue manipular o Povão e conservá-lo à margem da vida nacional em geral. Com poucas exceções.

• Essa lamentável "esquizofrenia social" ainda não é percebida devidamente nem pelas elites nem pelo Povão. Criaram-se, no correr de nossa História desde o tempo colonial através do Império até à República e à Nova República, estruturas fixas e rígidas que escondem a divisão ou, quando por acaso é percebida, procuram explicá-la em favor das elites.

• Esperamos que a Campanha da Fraternidade tenha aberto os olhos de muita gente para nosso "pecado original", para nossa "esquizofrenia social". (A.H.)

2º DOMINGO DA PÁSCOA (10-04-1988)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote; Sl = Salmista; * = Indica que se pode usar outro texto.
Cânticos: Missa "EU SOU VOSSA PÁSCOA", D. Carlos Alberto Navarro — Valdeci Farias, Ed. Paulinas.

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA

 1. Por sua morte, a morte viu o fim; do sangue derramado a vida renasceu. Seu pé ferido nova estrada abriu, e neste Homem, o homem, enfim, se descobriu.

Meu coração me diz: "o Amor me Amou, e se entregou por mim". Jesus ressuscitou! Passou a escuridão, o sol nasceu! A vida triunfou: Jesus ressuscitou!

2. "Jesus me amou e se entregou por mim!" Os homens todos podem o mesmo repetir. Não temeremos mais a morte e a dor, o coração humano em Cristo descansou.

2 SAUDAÇÃO

S. Estamos reunidos em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.
P. Amém!

S. Irmãos, o amor de Deus, que é nosso Pai; a paz de Cristo Ressuscitado, que é nosso Salvador e nossa Salvação; e o poder glorioso do Espírito Santo estejam sempre convosco.

P. Bendito seja Deus / que nos reuniu no amor de Cristo!

* 3 SENTIDO DA CELEBRAÇÃO

C. A Liturgia de hoje nos anima e fortalece na busca de mundo mais digno e fraterno para todos. Jesus ressuscitado aparece no meio da nossa comunidade e está presente em nossa caminhada. Através do seu Espírito, Cristo se manifesta em nós, com alegria e coragem. Celebrar a Páscoa de Cristo é celebrar nossa passagem das dificuldades para as possibilidades, da individualidade para a comunidade, das incertezas para a certeza e das dúvidas para a fé.

4 ATO PENITENCIAL

S. Mesmo dizendo que somos cristãos, nossa vida, muitas vezes, não é marcada pelo sinal do Cristo Ressuscitado. Na Comunidade e no mundo, ainda falta verdadeira vivência de paz, de partilha dos dons e da comunhão dos bens. Reconheçamos estas nossas faltas. (Pausa para revisão de vida).

1. Meu Deus, quantos rostos sem nome, sem voz, sem saúde, sem paz, na escravidão de salários de fome! Meu Deus, quantos rostos de pobres, índios, africanos sem vez, sem lar, sem pão! São teus filhos mais nobres. Só poderemos levar ao irmão o calor de um mundo melhor, partilhando com ele o pão do amor. Vem, meu Jesus, abrasar-me no amor, que és Tu feito Pão neste altar. Só assim poderemos amar.

2. Meu Deus, quantos rostos sofridos: homens sem emprego, sem bens; hoje a servir, amanhã despedidos! Meu Deus, quantos rostos tristonhos: jovens sem estudo, sem pão. Seus ideais não são mais do que sonhos!

S. Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna. P. Amém!

1. Senhor, Senhor, piedade de nós!
2. Cristo Jesus, piedade de nós!
3. Senhor, Senhor, piedade de nós!

5 GLÓRIA

Glória a Deus! Glória a Deus! Glória a Deus nos céus! E paz aos homens na terra que trabalham para Deus!

1. Glória ao Pai do céu, que primeiro nos amou / e em vista do seu Cristo, livremente, nos criou.

2. Glória a Jesus Cristo, porque veio nós salvar / e o mistério de Deus Pai veio ao homem revelar.

3. Glória ao Espírito Santo, porque é Consolador / que ilumina a nossa vida e nos enche de amor.

6 COLETA

S. Oremos: Ó Deus de eterna misericórdia, acendeis a fé do vosso povo na renovação da festa pascal. Aumentai a graça que nos destes. Fazei que compreendamos melhor o batismo que nos lavou, o Espírito que nos deu vida nova e o sangue que nos remiu. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém!

LITURGIA DA PALAVRA

7 PRIMEIRA LEITURA

 C. Partilhando o que somos e temos, solidarizando-nos com os mais pobres e necessitados, recuperaremos a missão dos primeiros cristãos.

L. Leitura dos Atos dos Apóstolos (4,32-35). — "A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava como próprias as coisas que possuía, mas tudo entre eles era posto em comum. Com grandes sinais de poder, os apóstolos davam Testemunho da ressurreição do Senhor Jesus. E todos os cristãos eram bem aceitos. Entre eles ninguém passava necessidade, pois aqueles que possuíam terras ou casas, vendiam-nas, levavam o dinheiro e o colocavam aos pés dos apóstolos; depois era distribuído conforme a necessidade de cada um". — Palavra do Senhor. — P. Graças a Deus!

8 SALMO DE MEDITAÇÃO

(Sl 117)

C. A misericórdia de Deus é eterna e sempre acolhedora. Em Cristo, saibamos partilhar para aprender a amar.

Eis o dia que o Senhor fez, dia de vitória e alegria!

Sl. 1. Dai graças ao Senhor, porque Ele é bom! "Eterna é a sua misericórdia!" / A casa de Israel agora o diga: Eterna é a sua misericórdia! / A casa de Arão agora o diga: Eterna é a sua misericórdia! / Os que temem o Senhor agora o digam: Eterna é a sua misericórdia!

2. A mão direita do Senhor fez maravilhas, a mão direita do Senhor me levantou. / Não morrei, mas ao contrário viverei, para cantar as grandes obras do Senhor. / O Senhor severamente me provou, mas não me abandonou às mãos da morte.

3. A pedra que os pedreiros rejeitaram tornou-se agora a pedra angular. / Pelo Senhor é que foi feito tudo isso: Que maravilhas ele fez a nossos olhos! / Este é o dia que o Senhor fez para nós, alegremo-nos e nele exultemos!

9 SEGUNDA LEITURA

C. O grande mandamento do Amor nos une a Deus, a Jesus e ao próximo.

L. Leitura da 1ª Carta de São João A p o s t o l o (5,1-6). — "Caríssimos: Quem acredita que Jesus é o Messias nasceu de Deus. E quem ama aquele que o gerou, ama também aquele que foi gerado por ele. Sabemos que amamos os filhos de Deus, quando amamos a Deus e guardamos os seus mandamentos. O amor de Deus consiste em guardarmos os seus mandamentos. E seus mandamentos não são pesados. Todo aquele que nasceu de Deus venceu o mundo. E a vitória que vence o mundo é a nossa fé. E quem é que vence o mundo senão aquele que acredita que Jesus é o Filho de Deus? Este é o que veio pela água e pelo sangue, Jesus Cristo. Não só pela água, mas pela água e pelo sangue. E é o Espírito que dá testemunho, porque o Espírito é a verdade". — Palavra do Senhor. — P. Graças a Deus!

10 CANTO DE ACLAMAÇÃO

 Que alegria, Cristo ressurgiu! No Evangelho ele vai falar. Entoemos nosso canto de louvor e gratidão: sua Palavra vamos proclamar.

Aleluia! Aleluia! Aleluia! Aleluia!

11 EVANGELHO

C. O Ressuscitado não nos deixa sozinhos. Ele vem até nós: Ele nos dá a sua Paz e nos envia em missão. O Espírito Santo é garante de que Deus caminha conosco.

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós!

S. Evangelho de Jesus Cristo segundo João (20,19-31).

P. Glória a vós, Senhor!

S. "Ao anoitecer daquele primeiro dia da semana, estando fechadas as portas do lugar onde se achavam os discípulos por medo dos Judeus, Jesus entrou. Ficou no meio deles e disse: "A paz esteja com vocês". Dizendo isso, mostrou-lhes as mãos e o lado. Então os discípulos ficaram contentes por verem o Senhor. Jesus disse novamente: "A paz esteja com vocês. Como o Pai me enviou, assim também eu envio vocês". Tendo falado isso, Jesus soprou sobre eles dizendo: "Recebam o Espírito Santo! Os pecados daqueles que vocês perdoarem serão perdoados; os pecados daqueles que vocês não perdoarem não serão perdoados". Tomé, chamado Gê-

meo, que era um dos Doze, não estava com eles quando Jesus chegou. Os outros discípulos disseram: "Vimos o Senhor". Tomé disse: "Se eu não vir a marca dos pregos em sua mão, se eu não puser o meu dedo na marca dos pregos e se eu não puser a minha mão no lado dele, eu não acreditarei". Oito dias depois, os discípulos estavam reunidos novamente. Desta vez, Tomé estava com eles. Estando fechadas as portas, Jesus entrou. Ficou no meio deles e disse: "A paz esteja com vocês". Depois disse a Tomé: "Ponha o seu dedo aqui e veja as minhas mãos. Estenda a sua mão e toque no meu lado. Não seja incrédulo, mas tenha fé". Tomé, respondendo, disse a Jesus: "Meu Senhor e meu Deus!" Jesus lhe disse: "Você acreditou porque me viu. Bem-aventurados os que crearam sem ter visto". Jesus realizou muitos outros sinais diante dos discípulos e que não estão escritos neste livro. Estes sinais foram escritos para que vocês acreditem que Jesus é o Cristo, Filho de Deus. E para que, crendo, vocês tenham a vida em seu Nome". — Palavra da Salvação. — P. Louvor a vós, ó Cristo!

* 12 PREGAÇÃO — PARTILHA

13 PROFISSÃO DE FÉ

 Creio, Senhor, mas aumentai minha fé!
1. Eu creio em Deus, Pai Onipotente, criador da terra e do céu.
2. Creio em Jesus, nosso Irmão, verdadeiramente Homem-Deus.
3. Creio também no Espírito de Amor, grande dom que a Igreja recebeu.

* 14 ORAÇÃO DOS FIÉIS

S. Nossa vocação comunitária é ter "um só coração e uma só alma". Neste espírito dirigimos ao Pai nossos pedidos:

L1. Para que a Igreja de Jesus Cristo procure viver o espírito de alegria, partilha e fraternidade, que animava a primeira comunidade cristã, rezemos ao Senhor:

P. O Senhor, escuta nossa prece!

L2. Para que o Papa, os Bispos, os padres e agentes de pastoral se disponham a partilhar, com generosidade, os dons recebidos de Deus, rezemos ao Senhor:

L1. Para que nossa Diocese, diante das angustias e esperanças de nosso povo, procure orientar sua pastoral na linha do serviço fraterno, rezemos ao Senhor:

L2. Para que nossa Comunidade renove sua fé na força da Ressurreição e procure viver, na prática, o espírito do Ressuscitado, saindo aos irmãos, rezemos ao Senhor:

(Outras intenções da comunidade...).

S. Pai, queremos formar um só povo. Acolhei com bondade estes nossos pedidos e concedei-nos viver como uma só família. Por Cristo nosso Senhor.

P. Amém!

LITURGIA EUCARÍSTICA

15 CANTO DAS OFERTAS



- Em procissão vão o pão e o vinho, acompanhados de nossa devoção, pois simbolizam aquilo que ofertamos: nossa vida e o nosso coração. Ao celebrar a nossa Páscoa e ao vos trazer nossa oferta, farei de nós, ó Deus de amor, imitadores do Redentor.
- A nossa Igreja, que é Mãe, deseja que a consciência do gesto de ofertar / se atuaize durante toda a vida, como Cristo se imola sobre o altar.
- Eucaristia é sacrifício, aquele mesmo que Cristo ofereceu. O mundo e o homem serão reconduzidos, para a nova Aliança com seu Deus.
- O pão e o vinho serão em breve o Corpo e o Sangue do Cristo Salvador; tal alimento nos une num só corpo, para glória de Deus e seu louvor.

16 ORAÇÃO DAS OFERTAS



S. Orai, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.

P. Receba o Senhor, por tuas mãos, este sacrifício / para glória do seu Nome / para o nosso bem e de toda a Santa Igreja.

S. Acolhei, ó Deus, as oferendas do vosso povo. Renovados pela profissão de fé e pelo Batismo, consigamos a eterna felicidade. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém!

17 ORAÇÃO EUCARÍSTICA



(Prefácio próprio. No fim):

P. O Senhor é Santo...

(A Oração Eucarística compete somente ao Sacerdote. Após a consagração):

S. Eis o mistério da Fé:

P. Todas as vezes que comemos deste Pão e bebemos deste Cálice anunciamos, Senhor, a vossa morte, enquanto esperamos vossa vinda!

Aleluia. Aleluia! Aleluia. Aleluia! Aleluia! Enquanto esperamos vossa vinda!

18 CANTO DA COMUNHÃO



1. Antes da morte e ressurreição de Jesus, Ele, na Ceia, quis se entregar: Deu-se em comida e bebida pra nos salvar.

E quando amanhecer o dia eterno, a plena visão / ressurgiremos por crer nesta vida escondida no pão.

2. Para lembrarmos a morte, a cruz do Senhor, nós repetimos, como Ele fez: Gestos, palavras, até que volte outra vez.

3. Este banquete alimenta o amor dos irmãos, e nos prepara a glória do céu. Ele é a força na caminhada pra Deus!

4. Eis o Pão vivo mandado a nós por Deus Pai! Quem O recebe não morrerá; no último dia vai ressurgir, viverá.

5. Cristo está vivo, ressuscitou para nós! Esta verdade vai anunciar a toda terra, com alegria, a cantar.

19 AÇÃO DE GRAÇAS



S. Oremos: Concede, ó Deus, que conservemos em nossa vida o sacramento pascal que recebemos. Saibamos viver o amor, a paciência, o desprendimento e a dedicação ao próximo. Saibamos viver a esperança pascal, sacrificando o egoísmo e pondo nossas qualidades a serviço de um mundo mais fraterno e mais cristão. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém!

RITO FINAL

* 20 MENSAGEM PARA A VIDA

(Após as comunicações de interesse para a comunidade):

C. Jesus continua vivo e presente em nossa comunidade reunida. O Espírito nos impulsiona e fortalece na missão servidora do Amor. É na pessoa do nosso próximo mais fraco, triste, abandonado e discriminado, que Cristo se faz ainda mais presente. Caminhamos na certeza de que tudo podemos, com Jesus no meio de nós.

21 BÊNÇÃO FINAL

S. Deus que, pela ressurreição do seu Filho único, vos deu graça da redenção e vos adotou como filhos, vos conceda a alegria de sua bênção.

P. Amém! Aleluia!

S. Aquele que, por sua morte, vos deu a eterna liberdade, vos conceda, por sua graça, a herança eterna.

P. Amém! Aleluia!

S. E vivendo agora retamente, possais no céu unir-vos a Deus, para o qual, pela fé, já ressuscitastes no Batismo.

P. Amém! Aleluia!

S. A bênção de Deus todo-poderoso, Pai e Filho e Espírito Santo, desça sobre vós e permaneça para sempre.

P. Amém! Aleluia!

S. Vamos em paz e o Senhor nos acompanhe. Aleluia! Aleluia!

P. Amém! Aleluia! Aleluia!

22 CANTO DE SAÍDA

1. Ressuscitou: toda Igreja proclama, e convida o homem novo a cantar. Povo santo e feliz, Jesus Cristo vos chama: "Amai-me e haveréis de me possuir".

Quereis cantar louvor a Deus? E não sabeis com que louvar? Cantai com a voz, com os lábios, e louvai com a vida e o coração!

2. Cantai, irmãos, este cântico novo, que é expressão de alegria e amor. A palavra e a voz anunciem de novo, aquilo que sois, por viverdes bem.

LEITURAS PARA A SEMANA:

2ª-feira: At 4,23-31; Jo 3,1-8. / 3ª-feira: At 4,32-37; Jo 3,7b-15. / 4ª-feira: At 5,17-26; Jo 3,16-21. / 5ª-feira: At 5,26-33; Jo 3,31-36. / 6ª-feira: At 5,34-42; Jo 6,1-15. / Sábado: At 6,1-7; Jo 6,16-21. / Domingo: At 3,13-15; 1Jo 2,1-5a; Lc 24,35-48.

A SITUAÇÃO QUE O AUTOR DO PARAÍSO QUER DENUNCIAR

Carlos Mesters

A percepção do mal depende, em parte, do grau de cultura. A falta de água, por exemplo, é um mal para nós, mas não o é tanto para um beduíno do deserto. Assim, o autor percebe o mal de acordo com a sua cultura, seu nível de consciência e sua sensibilidade. Em primeiro lugar, o autor do paraíso nota uma ambivaléncia geral na vida: 1) O amor humano, em si tão bonito, tornou-se um instrumento de dominação (Gn 3,16). Por quê? 2) A geração de novos filhos, destinada a aumentar a alegria entre os homens, se faz com dores de parto (Gn 3,16). Por quê? 3) A própria vida é ambivalente: quero viver mas a morte me espera (Gn 3,19). Por quê? 4) A terra destinada a produzir o alimento do homem só produz "espinhos e carriços" (Gn 3,18). Por quê? 5) O trabalho, meio para prover a subsistência, tem algo de incompreensível: muito esforço e pouco rendimento (Gn 3,19). Por quê? 6) Existe uma inimizade entre homens e animais. A

vida não é segura. A ameaça das cobras é real. Por que a vida combate a vida? (Gn 3,15). 7) Deus, criador e amigo dos homens, na realidade é causa de medo (Gn 3,10). Por quê?

Além disso, ele constata uma violência extremada: Caim mata Abel, um homem briga com o outro e se vinga até 77 vezes (Gn 2,24). Verifica uma redução na vida de fé, que já não passa de rito e de mistura de magia e de superstição, em que o divino e o humano se confundem (cf. Gn 6,1-2). Finalmente, ele observa uma desintegração total da humanidade: ninguém se entende, todos brigando uns com os outros e todos querendo dominar. O homem vive na defensiva (Torre de Babel, Gn 11,1-9).

É a situação que ele verifica em seu redor: caos completo. A maioria não tem consciência disso e contribui para aumentar mais ainda essa confusão. O autor quer despertar os outros para o perigo que estão correndo,

se continuarem nessa linha. Ele é essencialmente "inconformista". Por quê? É a convicção dele que não se pode pôr a culpa em Deus. Nem se pode dizer: "Paciência! Vamos agüentar. Deus quer assim!" Ele seria o último a procurar em Deus ou na religião justificativa para uma falsa paciência que compaculta com a situação.

Sua fé lhe diz: "Deus não quer isto!" Por isso, surgem duas perguntas fundamentais: 1) Como Deus então gostaria que o mundo fosse? 2) Se o mundo não é como Deus o quer, então quem é o responsável por isto? Sua fé em Deus fez dele uma pessoa consciente, que não se conforma com a situação. Ela o leva a resistir, a procurar uma solução e a estimular os outros a terem o mesmo nível de consciência que ele possui: "Se Deus não o quer assim, eu não posso contribuir para que o mundo continue assim como está".

EM TORNO DA LITURGIA

FUNÇÕES E MINISTÉRIOS NA MISSA

Frei Alberto Beckhäuser, OFM

Na Missa todos participam, todos têm uma função, mas só o sacerdote consagra. A primeira grande função de todos os participantes é "dar graças a Deus e oferecer o sacrifício perfeito, não apenas pelas mãos do sacerdote, mas também juntamente com ele, e aprender a oferecer-se a si próprios" (cf. Instr., n. 62).

A serviço da assembleia, para que todos possam exercer sua função sacerdotal adquirida no Batismo, estão os diversos ministérios. Primeiramente, temos funções e serviços dos ministros ordenados: "Toda celebração legítima da Eucaristia é dirigida pelo Bispo, pessoalmente ou através dos presbíteros, seus auxiliares" (cf. n. 59). "O presbítero, que na reunião dos fiéis tem o poder sagrado da Ordem para oferecer o sacrifício em nome

do Cristo, também está à frente da assembleia reunida, preside à sua oração, anuncia-lhe a mensagem da salvação, associa a si o povo no oferecimento do sacrifício a Deus Pai pelo Cristo no Espírito Santo, dá aos seus irmãos o pão da vida eterna e participa com eles do mesmo alimento" (n. 60).

"O diácono tem na Missa funções que lhe são próprias: anunciar o Evangelho, pregar às vezes a Palavra de Deus, recitar para os fiéis as intenções da oração universal, servir ao sacerdote, distribuir a Comunhão aos fiéis sobretudo sob a espécie de vinho, e por vezes indicar a toda a assembleia os gestos e posições do corpo que deve adotar" (n. 61).

Além dos ministros ordenados existem outros ministérios particulares. Entre eles sobressaem

os acólitos que são instituídos para servir ao altar e auxiliar o sacerdote e o diácono (n. 65). Poderá coordenar a ação de todos os ministrantes. "O leitor é instituído para proferir as leituras da Sagrada Escritura, exceto o Evangelho" (n. 66). Ele poderá coordenar a preparação dos leitores, que "mesmo que não tenham sido instituídos para isso, sejam realmente capazes de desempenhá-la e se preparem cuidadosamente" (n. 66).

Além disso, temos outros ministros que exercem funções no presbitério ou fora dele. No presbitério: os ministros extraordinários da Comunhão eucarística, os que levam o Missal, a cruz, as castiças, o pão e o vinho, a água e o turíbulo, e ajudam ao lavar as mãos do sacerdote. Fora do presbitério: o comentarista, a equipe de acolhimento e os coletores.

IGREJA E LEGITIMAÇÃO DA ESCRAVIDÃO NEGRA

A Igreja, realidade ao mesmo tempo humana e divina, povo santo e pecador, vive, em cada tempo, a permanente tensão entre as exigências do Evangelho e os condicionamentos históricos. Consciente de sua missão de viver e anunciar a utopia do Reino e de ser portadora da memória da prática de Jesus e da comunidade apostólica, ela sabe que vive num mundo marcado pela desigualdade e pela opressão. A escravidão, o racismo e a discriminação, presentes na história da sociedade, estão também na história da Igreja. **LEGITIMAÇÃO DA ESCRAVIDÃO** — Não podemos julgar as consciências, nem projetar no passado nossa sensibilidade atual. No entanto, é preciso reconhecer que, não obstante as vozes proféticas e a despeito das boas intenções subjetivas, a Igreja, em geral, desempenhou nas Américas um papel que implicava na legitimação da colonização e de suas práticas, entre as quais a escravidão. Leigos e religiosos, teólogos e hierarquia chegaram a justificar a escravidão e dela usufruíram.

Alguns documentos pontifícios da época, especialmente dos papas Nicolau V (1452) e Leão X (1514), autorizavam à coroa portuguesa e, depois, à espanhola, a conquista das terras de "sarracenos, pagãos e incrédulos, escravizando seus habitantes". A falsa noção de "guerra justa contra os inimigos da fé", aliada a outros interesses, trazia consigo a legitimação da escravidão dos vencidos. Isso foi aplicado também aos índios e aos negros, sobretudo, nas Américas.

CONDENAÇÃO DA ESCRAVIDÃO — No momento em que cristãos, espanhóis e portugueses, iniciaram a escravidão dos indígenas americanos, outros cristãos, como frei Antônio de Montesinos, dom Bartolomeu de las Casas e dom Antônio de Valdivieso, na América Espanhola, e os padres Manoel da Nóbrega, José de Anchieta e Antônio Vieira, na América Portuguesa, e tantos outros levantaram suas vozes em defesa da liberdade dos índios. A escravidão de qualquer tipo foi radicalmente condenada pelo papa Paulo III, em 1537. Ele invoca a autoridade apos-

tólica para "declarar nulo e sem efeito" tudo o que tivesse sido feito contrariamente à sua Bula.

Este ensinamento do papa Paulo III foi aplicado pelos missionários à situação dos índios. A escravidão dos povos africanos, no entanto, continuou e até mesmo ficou reforçada. Em vista da necessidade da mão-de-obra e do lucro comercial do tráfico negreiro, os cristãos daquela época abafaram as resistências de ordem ética, não deram atenção à palavra do papa e até encontraram "justificativas teológicas" para essa prática, hoje, para nós, tão repugnante.

Alguns buscavam na Bíblia o argumento de que os negros eram descendentes de um dos filhos de Noé, chamado Cam, amaldiçoado por seu pai para ser escravo dos seus irmãos (cf. Gn 9,25-27). Outros alegavam que os negros, já escravos na África, eram apenas transferidos de lugar, mantendo a mesma condição em que viviam, mas recebendo, no Brasil, o privilégio do batismo e da fé cristã...